

LANCAMENTO DO LIVRO “DIA DAS MEDICINAS NÃO CONVENCIONAIS”

Câmara Municipal de São Paulo.

EM DEFESA DAS CULTURAS NÃO HEGEMONICAS

“A Primeira obediência à D-us é a resistência à tirania”

Howard Fast em Meus Gloriosos Irmãos sobre a festa judaica de Chanucá na qual se comemora a resistência dos Macabeus.

As culturas não hegemônicas sempre estiverem a margem das outras culturas em uma sociedade. A homeopatia assim como outras práticas resistiram, ao tempo, ao poder, às oscilações do progresso científico. E resistiram de forma radical. Ou seja, agarram-se à raiz do método enquanto as ondas altas castigavam suas criações.

O que a homeopatia pode oferecer para as pessoas não está coberto por nenhuma outra arte terapêutica conhecida. Nós podemos proporcionar ao paciente um suporte distinto dos demais. Não se trata de classificá-la como melhor ou como a única que se ocupa com o que é digno de tratar. Sua principal virtude, a marca de exclusividade, está enraizada em duas premissas: na aceitação de que a normalidade pode não ser a mera ausência de sintomas, e no caráter analógico e qualitativo de seus procedimentos. Além disto temos uma nova proposta de antropologia médica.

Por isto importa nossa voz. E por isto lutamos para a que hegemônico não se transforme numa monocultura. Lutamos para que a medicina esteja com sujeito. Daremos voz a pluralidade de métodos, assim como de todas as idéias que defendam as várias racionalidades médicas.

Um exemplo de nossa nova antropologia: já que os sintomas ocultam significados, nós não deveremos buscar a mera extinção dos sintomas, mas sim compreender melhor a parceria destes com o

sujeito e suas representações pessoais. Trata-se, portanto de peculiaridade de nosso cotidiano: a minuciosa tarefa de descobrir sintomas e seus significados particulares para cada sujeito.

Toda nossa diferença com a medicina hegemônica pode estar na criatividade com que os pacientes encontram respostas individuais a partir dos medicamentos prescritos. Na prática isto está representado pela enorme quantidade de pessoas portadoras de síndromes médicas inexplicáveis, tratadas por homeopatas todos os dias em centenas de países, de forma relativamente êxitosa, mesmo quando nem ao possuem um diagnóstico nosológico preciso. Este é um fiel retrato do realismo da clínica e que ocorre com uma freqüência ainda não mensurada.

Por outro lado, não fazemos psicoterapia. Não atuamos sobre o inconsciente mediante palavras. Claro que nosso gênero de contato com o paciente estão na agenda de nossa imagem de médicos que preservaram de forma quase intacta a hoje desgastada relação entre terapeuta e paciente.

Nosso veículo curativo é outro. Agimos com fármacos sobre uma vitalidade que está contaminada por sintomas carregados de sentido e contexto.¹ Vitalidade que, uma vez aliviada, libera-se como que para pode se dedicar ao provável atributo máximo de saúde: o cuidar de si mesmo. Permitindo que as pessoas enfim restaurem a necessidade de “ocuparem-se de si mesmos”.

Agimos sobre a totalidade que se autoadjetiva com sensações e percepções, e que uma vez traduzidas e nomeadas pelo sujeito tratado, permite cura-las ou palia-las.

¹Expressão usada para designar os conteúdos mentais inconscientes, persistentes e muitas vezes injustificáveis, na biografia do indivíduo, os quais revelam-se através do estudo das palavras e dos temas expressos nas consultas, textos, cartas, desenhos e representações, enfim em qualquer material produzido pelo sujeito.

Não prometemos que patologias possam ser extintas, apenas observamos muito nitidamente quão abrangentes podem ser as adaptações e homeostases criativas que cada individualidade tratada é capaz de fazer. Se isto nos coloca como uma interface aceita pela biomedicina ou não, trata-se, agora, de um problema um tanto menos prioritário do que nos séculos precedentes. A sociedade é uma interface mais do que válida!

Nosso maior problema com a modernidade é saber fazer de nosso ofício um trabalho constante de autocrítica. Nosso compromisso maior na pedagogia é privilegiar as novas gerações sob a perspectiva de renovar o ensino e dar mais consistência e respeitabilidade para a teoria homeopática. Nossa responsabilidade clínica maior é atender sujeitos que requerem tratamento oferecendo-lhes suporte, solidariedade e cura.

Além disto, atendemos exigências que estão além das pressupostas pelo senso comum: sabemos de aspectos cruciais, mas que infelizmente ainda permanecem desconhecidos para parte expressiva da medicina convencional. Este dado só faz aumentar nossa responsabilidade. Ou seja, isto não nos torna menos clínicos, muito pelo contrario. Coloca-nos em um estado fronteiroço que nos permite examinar com mais cuidados aspectos verdadeiramente essenciais para conhecer a saúde humana.

A medicina vem gerando estudos epidemiológicos cujo eixo gira ao redor da delicada questão proteção *versus* risco, mas há uma epidemiologia emergente que vem apostando na qualidade como subsídio fundamental para acompanhar qualquer estatística de confirmação.

Tanto médicos convencionais como parcela importante da própria comunidade científica mostram-se cada vez mais fascinados pela metodologia operativa da qualidade implementada pelos homeopatas, em suas vidas clínicas.

Pensamos que não há muita escolha. Chegou a vez de um certo pragmatismo na defesa da filosofia aplicada que está além dos habituais argumentos defensivos. Encaremos apenas como um fato inexorável que a medicina precisa de uma profunda resignificação e a filosofia homeopática também precisa se fazer ouvir neste impasse. É inegável o problema gerado por uma razão tecnológica cega que é indiscriminadamente aplicada às ciências da saúde. Se quisermos buscar interlocuções mais especializadas é fundamental colocar a teoria homeopática sob o estatuto social, político e epistemológico que ela merece.

Por outro lado, não há mais como sustentar uma doutrina homeopática autoritária e implacável, que reage mal às contradições e aferra-se às repetições textuais como a melhor, vale dizer, a única estratégia. A doutrina deveria limitar-se apenas a elucidar os referenciais constitutivos de um método.

Uma psicanálise do movimento homeopático revelaria quase imediatamente que se há uma parcela da ciência que ainda nos ignora não é somente porque não soubemos resolver nossas irregularidades estatísticas. Mas, sobretudo, e principalmente porque jamais soubemos apresentar os alicercamentos epistemológicos a as alianças certas com rigor. Jamais os eixos de nossa episteme foram apresentados como idéias claras e distintas.

Fica sendo necessário então um encaminhamento mais consistente da questão: ou atendemos a coerência redirecionando nossa energia para aprofundar o estudo de nossas insuficiências como um meio de interlocução ou aceitamos de vez que a homeopatia reduz-se, isto sim, a uma neofarmacologia.

Há um abismo tremendo entre as expectativas de uma homeopatia que quer se fazer entender como ela é de fato e a esperança da biomedicina de que a homeopatia possa corrigir alguns dos *gaps* de

sua alegada insuficiência epistemológica. Não seria espantoso imaginar que uma sugestão poderia ser, por exemplo, a eliminação do fator individual de sua semiologia. Mas então, perguntam-nos, que homeopatia restaria deste expurgo? Qual segmento da positividade homeopática estaria sendo validado?

Resta saber se nós homeopatas vamos permanecer apostando em nosso próprio ofício que é, ao mesmo tempo, impreciso e racional.

Apesar das desconfianças, a elucidação intersubjetivamente validada das doses infinitesimais nunca esteve tão próxima, senão de certa consensualidade, mas de uma ampla convergência favorável. A rigor estamos muito próximos de um momento raro e tremendamente esperado pela comunidade homeopática: a validação de sua plausibilidade biológica. E esta pode ser uma questão de menos de uma década. Será um evento importante e histórico. Ainda assim, como vimos acima, persistirá uma enorme distancia entre este tão esperado anuncio e a assimilação da homeopatia como uma medicina do sujeito.

O problema então passa a ser muito mais político e motivacional do que possuir um programa científico coerente, o problema é muito mais macro estratégico do que de eventuais disputas internas. Não que o diálogo com o passado não nos fascine, mas há que se distinguir claramente o passado do ultrapassado.

A homeopatia, como medicina do sujeito, não se caracteriza como uma subespecialidade da arte médica.

Por outro lado, jamais as raízes do conhecimento estiveram tão prontas para crescer em direção as novas oportunidades. Resta para aqueles que representam o novo e que lutam para se opor a um passado que se ocultou no manto da tradição, tomarem consciência de que uma nova forma de homeopatia se organiza. Ou finalmente nos encaminhamos em todas as frentes, do básico ao clínico, do

filosófico ao científico, do ético ao estético, para fazer uma medicina do sujeito ou rendemo-nos as evidências de nossas insuficiências e sejamos bem honestos para encarar a homeopatia apenas como uma neofarmacologia.

Não nos resta muitas saídas honrosas: ou a submissão complacente ou a luta (que será assimétrica, dura e sem qualquer garantia de sucesso) pelo novo objeto a ser construído. A homeopatia está muito longe do acabamento assim como qualquer outra arte terapêutica está. É claro que, como certa vez advertiu Bachelard, no campo do conhecimento estar só é uma péssima companhia.

Contudo, sabemos de aspectos que são únicos, e são precisamente estes que podem nos colocar na ponta do conhecimento contemporâneo. Somos de certa forma, uma espécie de supergo auxiliar da medicina atual. Tais conhecimentos nos emparelham com o que há de melhor nas humanidades e nas ciências duras estimulando uma interlocução sem precedentes em nossa história. Em uma verdadeira interlocução o som das idéias transita entre as mentes. Esperamos ter circulado entre vocês.

Obrigado.

Paulo Rosenbaum